

CAPITULO 3

A Produção de Bens e Serviços

Bens – noção e classificação

Produção e processo produtivo

Sectores de actividade produtiva

Factores de produção – noção e classificação

Bens – noção e classificação

A actividade produtiva permite efectuar a produção de bens económicos. Os bens económicos são bens raros ou produção do homem. Sendo os factores de produção raros, os bens económicos também o são. Opoem-se portanto aos bens livres, que são bens existentes em abundancia, não sendo necessário qualquer trabalho para deles beneficiar (ar, sol, e por vezes, água). As preocupações ecológicas tendem, entretanto, a mostrar que se tratam de bens cada vez menos livres.

Os bens económicos podem ser objecto de diferentes classificações, de acordo com os seguintes critérios: **a natureza física dos bens**, a **utilização dos bens**, a **duração dos bens** e as **relações entre os bens**. Assim, teremos a seguinte classificação dos bens:

Critério da natureza física dos bens:

- Bens materiais: os bens podem assumir uma forma material, tais como uma cadeira, uma máquina, etc.
- Serviços: os bens podem, no entanto, não se concretizar num objecto físico, limitando-se a constituir um acto, ou seja, um serviço, como os serviços prestados pelos Bancos e pelas Companhias de Seguros.

Critério da utilização dos bens:

- Bens de produção: são bens que permitem produzir outros bens, por exemplo, o tear utilizado na indústria têxtil.

- Bens de consumo: são bens que satisfazem de imediato as necessidades dos consumidores como a alimentação, vestuário, serviços, etc.

Critério da duração dos bens:

- Bens duradouros: são aqueles cuja utilização se estende por um período de tempo bastante longo – é o caso das empilhadoras, das televisões, etc.
- Bens não duradouros: são os bens que são destruídos durante o acto de utilização – por exemplo, o pão, as bebidas, etc.

Critério das relações entre os bens:

- Bens substituíveis: são aqueles que podem ser substituídos uns pelos outros para satisfazer a mesma necessidade – o café pela chicória ou o vinho pela cerveja
- Bens complementares: são os bens que só satisfazem a necessidade a que se destinam desde que utilizados conjuntamente com outros bens – caso do automóvel e a gasolina.

Produção e processo produtivo

Produzir consiste em criar bens e serviços. Mas o economista reserva uma definição mais precisa para a noção de produção – como o trabalho e o capital –, que as unidades produtivas utilizam em proporções variáveis, criando assim nova riqueza na economia.

Num sentido corrente, a produção designa a actividade económica que consiste em criar bens e serviços. A produção aparece de início como resultado de um trabalho produzido pelo homem.

Há dois elementos distintos que permitem definir a produção. O facto de os bens produzidos se transaccionar num mercado, ou então o facto de eles serem resultado de um trabalho remunerado.

O INSEE e a Contabilidade Nacional dão a seguinte definição de produção: é a “actividade economicamente, socialmente organizada, que consiste em criar bens e serviços que se transaccionam habitualmente no mercado, ou obtidos a partir de factores de produção (especialmente o trabalho e as máquinas igualmente transaccionáveis no mercado) ”.

Sectores de Actividade

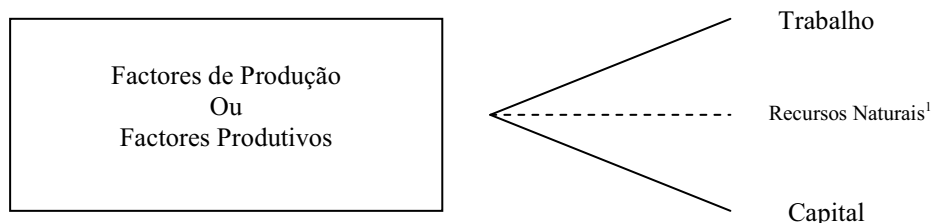
A classificação da actividade económica em três sectores é devida ao economista australiano Colin Clark nos anos 40. Um sector compreende então o conjunto das empresas que têm a mesma actividade principal, tendo cada empresa uma única actividade principal.

O sector primário corresponde ao conjunto das actividades produtoras de matérias-primas (agricultura, minas). O sector secundário diz respeito às actividades industrial considerado em sentido lato (energia, indústrias agro-alimentares, indústria de bens de produção e de bens de consumo, construção e obras públicas). O sector terciário inclui todas as actividades que não estão classificadas nos dois outros sectores. Trata-se dos serviços, quer sejam mercantis (comércio, transportes e telecomunicações, turismo, serviços prestados às empresas e às famílias) ou não mercantis (saúde, por exemplo). Os serviços são bens imateriais que podem ser produzidos em todos os tipos de actividades. Certas medidas de produção fizeram da produção destes bens a sua actividade principal. Distingue-se hoje, por vezes, um subconjunto do sector terciários chamado “sector quaternário”, incluindo o conjunto dos serviços ligados à informação e à comunicação (imprensa, informática, publicidade, etc.).

A classificação da população activa em três sectores é muito cómoda, mas ela também tem limitações porque as actividades de serviços se desenvolvem no próprio interior das empresas industriais (gestão, serviços informáticos, etc.) enquanto os próprios serviços utilizam cada vez mais materiais industriais (telecomunicações, transportes, etc.) Assiste-se portanto a uma “terciarização” do sector secundário, à qual responde uma “secundarização” do sector terciário.

Factores de Produção

Para realizar a actividade produtiva, o Homem necessita de dispensar energia física e intelectual (trabalho), de assegurar a utilização de outros bens (capital), não esquecendo as matérias-primas¹. Assim, trabalho e capital são dois factores essenciais à produção e produzir consiste em combiná-los, de forma a obter bens e serviços. Da combinação dos factores trabalho e capital dependerá também a eficácia da produção.



O trabalho é então o esforço humano, físico e intelectual, desenvolvido na produção, capital é as diversas formas de riqueza empregues na obtenção de novas riquezas e os recursos naturais a base de todo o processo produtivo.

Texto de Apoio

A escassez dos recursos naturais

Com a passagem dos tempos, o homem modifica a disponibilidade dos recursos naturais pela descoberta de novos usos para os recursos que, antes, tinham pequena ou nenhuma aplicação económica para eles. Alguns recursos hoje essenciais para o Homem eram, no passado, de pequena importância – há cem anos o petróleo dificilmente poderia ser encarado como recurso de extremo significado, a ponto de a sua falta ser capaz de provocar a quase paralisia de todo o processo produtivo da moderna economia.

Quando o estado tecnológico é alterado pela inovação as características económicas, e muitas vezes, também físicas, de um dado recurso natural, podem ser igualmente alteradas. Novas tecnologias de perfuração podem aumentar os recursos de petróleo e de gás, novas sementes podem proporcionar aumentos substanciais no cultivo de certos bens. Desta forma, quando a tecnologia evoluir, a base dos recursos naturais tende a alterar-se.

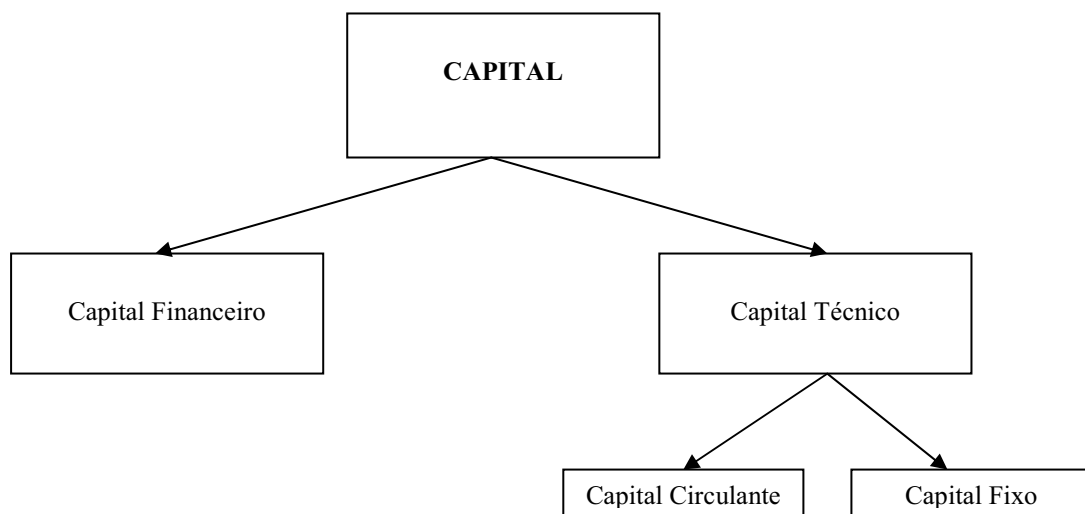
¹ Às vezes, os autores não incluem o factor Recursos Naturais como factor de produção. O factor de produção recursos naturais inclui todas as componentes do processo produtivo que são disponibilizadas pela natureza e como tal não são objecto de qualquer transformação prévia.

Os recursos naturais estão na origem de todo o processo produtivo e podemos classificá-los em, recursos naturais não renováveis (aqueles que se esgotarão um dia) e os recursos naturais renováveis (aqueles que não se esgotam, possibilitando múltiplas utilizações sem que umas condicionem as outras).

O Capital²

No sentido vulgar, o termo capital pode ser utilizado como sinónimo de património ou riqueza, ou seja, um conjunto de bens que um indivíduo ou um grupo de indivíduos possui. No entanto, em sentido económico, nem todo o património constitui capital. Com efeito, o conceito económico de capital abrange apenas o conjunto de bens (riqueza) que são utilizados na actividade produtiva, isto é, aqueles que se destinam à obtenção de novas riquezas.

Assim, quando o património não é utilizado na actividade produtiva, ele constitui apenas riqueza. Se por exemplo um industria adquirir um andar para habitação própria, esta será considerada riqueza ou património. No entanto, se o mesmo indivíduo adquirir um andar para instalar os escritórios da sua empresa, então, neste caso, será considerado capital.



Capital Financeiro: o capital financeiro é constituído pela moeda e pelo conjunto de valores mobiliários, tais como, acções, obrigações, títulos de tesouro, etc. Igualmente se inclui no capital financeiro o

² Existem livros que incluem o capital humano e o capital humano. De facto estes dois factores são importantes. O primeiro é referente a todos as matérias-primas, mas como já se inclui este tipo custos nos factores de produção recursos naturais, preferi suprimi-los do corpo do texto. Quanto ao capital humano, está subjacente, como é óbvio no factor de produção trabalho, é de realçar que aqui é realçado todo o percurso feito pelo trabalhador, tais como, a aquisição de conhecimentos e a experiencia profissional.

ouro e os movimentos de capitais entre países e/ou organismos internacionais (empréstimos, lucros de empresas, etc.)

Capital Técnico: é o conjunto dos bens de produção que permitem a obtenção dos bens de consumo (por exemplo: edifícios, máquinas, matérias-primas).

- capital circulante: os bens que são destruídos ou transformados durante o processo produtivo, constituem o capital circulante, como por exemplo, a energia eléctrica (matéria subsidiária) e as matérias-primas;
- capital fixo: os bens são utilizados no decorrer de vários processos de produção, como por exemplo, as máquinas, a viaturas, etc., constituem o capital fixo.

O Trabalho

Um dos factores de produção é a força de **trabalho**³. Esta é a capacidade do Homem desempenhar uma tarefa que se concretiza na

³ Nos finais do século XVII surge a manufactura, uma nova unidade de produção que se caracterizava por concentrar no mesmo local vários trabalhadores e a sua grande inovação foi o facto de cada um dos trabalhadores executar uma tarefa determinada. Esta especialização do trabalhador só foi possível porque se tinha decomposto a produção de um dado bem em várias tarefas ou operações elementares. Este acontecimento designa-se por divisão do trabalho.

A divisão do trabalho pressupõe que cada tarefa ou operação seja realizada por um ou vários trabalhadores, ou seja, os trabalhadores passam a efectuar um trabalho especializado e parcelar. As vantagens da divisão do trabalho foram desde logo reconhecidas, pois a especialização do trabalhador numa única tarefa permitiu que estes aumentassem a precisão e a rapidez na execução dessa tarefa e consequentemente, economizasse tempo. Deste modo estão criadas as condições para se obter uma maior eficácia do factor trabalho.

A Revolução Industrial e as inovações tecnológicas introduziram a maquinofactura, isto é, a fábrica. Esta nova unidade de produção requeria uma especialização do trabalho cada vez maior, devido às novas tarefas que surgiram associadas à introdução das máquinas na produção industrial; por sua vez, a especialização do trabalho não parou de contribuir para uma maior eficácia da fábrica. A especialização do trabalho contribuiu de varias formas para a eficiência da fábrica. Dividindo o trabalho em pequenas tarefas, o processo de produção era muito simplificado e os trabalhadores podiam tornar-se rapidamente peritos nas suas actividades. Além disso, a produção transformou-se num processo contínuo: demoras dispendiosas no transporte de um local para outro foram eliminadas. E como o trabalho passou a consumir menos energia do trabalhador, a velocidade de produção foi acelerada. Mas por outro lado, o trabalho torna-se cada vez mais mecanizado, monótono, impessoal e repetitivo. A realização contínua das mesmas tarefas podem provocar o enfraquecimento das capacidades intelectuais e criativas do

transformação de objectos de trabalho através da utilização de determinados meios de trabalho. Em sentido lato, podemos dizer que o trabalho é toda a actividade humana que leva à produção de bens e serviços e pela qual se auferem uma remuneração.

O trabalho pode assumir diversas formas, tendo em conta as características das funções desempenhadas no processo produtivo, consoante o tipo de esforço predominantemente desenvolvido e a natureza das funções desempenhadas. Assim, podemos distinguir:

- **trabalho directo:** o trabalhador transforma as matérias-primas em produtos acabados, utilizando para tal os meios de trabalho, está a realizar uma actividade que exige o contacto directo com as matérias-primas e realiza-se, sobretudo, nas oficinas e nos campos;
- **trabalho indirecto:** existem actividades que não exigem o contacto do trabalhador com as matérias-primas, como acontece com a generalidade das actividades comerciais, administrativas e de prestação de serviços;
- **trabalho não qualificado (simples):** para a execução deste trabalho não são requeridos conhecimentos ou técnicas especiais. Por exemplo, o trabalho executado pelo porteiro ou servente de pedreiro pode ser executado por qualquer indivíduo, não exigindo para esse efeito qualquer qualificação ou preparação específica, são trabalhos simples;

- **trabalho qualificado (complexo):** para a sua execução são necessários conhecimentos específicos. Por exemplo, o trabalho executado na indústria, serviços, etc., a generalidade das tarefas que os indivíduos desempenham exige preparação escolar ou profissional prévia;

- **trabalho físico:** aquele em que predomina o esforço directo do Homem. No entanto o Homem pode utilizar quer máquinas, quer ferramentas e utensílios. No primeiro caso consideraremos que se trata de **trabalho mecânico**, como por exemplo, o trabalho de um tractorista, de um serralheiro, mecânico, etc. No segundo caso tratar-se-á de **trabalho manual**, como por exemplo, o trabalho de um jardineiro ou de um pedreiro de construção civil;

- **trabalho intelectual:** é aquele em que o esforço desenvolvido é predominantemente intelectual. Teremos como exemplo, entre outros, o trabalho dos médicos, dos advogados, dos professores, dos programadores, etc.

- **trabalho de execução:** é aquele que consiste, em grande parte, na aplicação de conhecimentos ou técnicas já adquiridas, como por exemplo, o trabalho do empregado de escritório, do vendedor, etc.

- **trabalho de invenção:** é o trabalho de carácter investigativo ou de pesquisa nos vários domínios do saber, por exemplo, o trabalho do investigador científico, etc.

- **trabalho de direcção:** é a actividade desenvolvida que consiste em orientar e coordenar grupos de trabalhadores. Por exemplo, as

actividades desenvolvidas pelos gestores, pelos chefes de departamento, etc.

O factor trabalho num país corresponde ao conjunto da população em condições para participar no processo produtivo. Este conjunto da população residente recebe o nome de população activa. Ao conjunto de indivíduos excluído por o conjunto acima apresentado dá-se o nome de população inactiva, ou seja a parte da população que não faz parte do processo produtivo.

A população activa é constituída por todos os indivíduos com capacidade produtiva e que, em simultâneo, apresentam idades inferiores aos 65 anos e iguais ou superiores aos 15 anos de idade. A população activa é constituída por:

- empregados;
- desempregados.

Depois de conhecermos os conceitos de população activa e inactiva podemos estudar a taxa de actividade de um país ou de uma dada região. A taxa de actividade dá-nos a relação percentual entre a população activa e a população total anual.

$$\text{Taxa de actividade} = \frac{\text{População Activa}}{\text{População Total}} \times 100$$

O INE considera desempregados nos sentido restrito “os indivíduos que, não estando empregados, fizeram diligências para encontrar emprego, nos trinta dias anteriores ao inquérito ao emprego e estavam disponíveis para trabalhar”.

Com efeito, é importante conhecer-mos o peso do desemprego no total da população activa. Para isso é habitual calcular-se a taxa de

desemprego que estabelece a relação entre a população desempregada e a população activa de uma país, num determinado período de tempo, sendo calculada através da fórmulas:

$$\text{Taxa de Desemprego} = \frac{\text{População Desempregada}}{\text{População Activa}} \times 100$$

Combinação dos factores de produção

A combinação dos factores produtivos é utilizada para encontrar um ponto de equilíbrio entre as quantidades produzidas e as quantidades vendidas, pelo que, quando a procura diminui também a produção terá de diminuir, para isso, ajustar-se-á os factores produtivos (eventualmente, dispensando trabalhadores, isto é modificando uma das variáveis dos factores de produção)⁴, fazendo assim uma análise de curto prazo. Quando se ajustam todas a variáveis de produção estamos a efectuar uma análise de longo prazo.

A relação técnica representativa da combinação dos factores de produção – recursos naturais, trabalho e capital – e o nível de produção designa-se por função de produção.

$$F = f(L, K, T)$$

F → nível de produção (quantidade produzida de um bem)

L → quantidade de trabalho utilizado no proc. produtivo

K → quantidade de capital utilizado no proc. Produtivo

T → quantidade de recursos naturais utilizados no proc. Produtivo

⁴ No imediato (curto prazo) as empresas apenas podem reduzir ou diminuir a utilização do factor trabalho para responder à maior ou menor procura do mercado. Quando fazemos apenas variar um dos factores de produção, mantendo os restantes fixos, estamos a fazer uma análise de curto prazo. Pelo contrário, quando alteramos a quantidade utilizada de todos os factores de produção numa empresa, para responder às necessidades do mercado, estamos a fazer uma análise de longo prazo.

Produtividade

Texto de Apoio

O que é a Produtividade?

Define-se produtividade como a relação entre uma certa medida de out-put e outra medida de input. A produtividade é um indicador que ilustra a eficiência de um dado sistema produtivo.

A produtividade, é assim, uma medida entre as entradas e as saídas, entre benefícios e custos, entre eficácia e eficiência. Se entendermos por eficácia o “fazer as coisas certas” e por eficiência “fazer as coisas bem”, entendermos a produtividade trata de “fazer as coisas bem”.

O trabalho é a componente mais importante da produtividade, mas o seu melhor desempenho está associado também á utilização de outros recursos do sistema produtivo. A produtividade do trabalho constitui a medida mais corrente da produtividade. E verifica-se que para uma mesma intensidade de trabalho este indicador é tanto maior quanto melhor a organização da empresa, quanto mais modernos os equipamentos, quanto mais evoluídas as tecnologias utilizadas em toda a cadeia de valor.

A produtividade mede a eficiência da utilização da utilização dos factores de produção. Para o efeito podemos calcular a produtividade média dos factores de produção em termos físicos e monetários.

$$\begin{array}{lcl} \text{Produtividade média do trabalho} & = & \text{quantidade produzida} \\ \text{em termos físicos}^5 & & \frac{\text{quantidade do factor trabalho empregue}^6}{} \end{array}$$

$$\begin{array}{lcl} \text{Produtividade média do trabalho} & = & \text{quantidade produzida} \\ \text{em termos monetários} & & \frac{\text{valor do factor trabalho empregue}^6}{} \end{array}$$

A produtividade total representa a produção média dos factores de produção utilizados no proceso produtivo. Com o cálculo da produtividade total procura-se pôr em evidência os resultados da intervenção de todos os factores de produção, os resultados médios da produção, ou seja, mede a eficácia de cada combinação dos factores de produção. A produtividade total é calculada com a seguinte expressão:

⁵ O cálculo da produtividade média em termos físicos apresenta algumas limitações:

- a dificuldade em comparar bens expressos em unidades físicas diferentes (como comparar a produtividade do trigo com o da industria de jeans);
- a dificuldade em comparar factores de produção com características diferentes (máquinas de produção de sabonetes com máquinas agrícolas);
- a dificuldade de comparar bens do mesmo tipo com qualidades diferentes (como comparar em termos físicos a produção de queijo da serra com a de queijo flamengo).

O cálculo da produtividade média dos factores de produção pode ser realizada em termos monetários, ultrapassando-se assim as limitações apresentadas pelo cálculo da produtividade física.

⁶ Se alterarmos a factor trabalho pelo factor capital ou matérias-primas, obtemos a produtividade média do capital e da matéria-prima, respectivamente (em termos físicos e monetários)

$$\text{Produtividade total} = \frac{\text{valor da produção}}{\text{valor dos factores de produção empregues}}$$

È de constar que quando calculamos a produtividade média do trabalho vai depender do número de trabalhadores e as unidades que todos os trabalhadores produzem, pelo que quando atingimos um certo número de trabalhadores (não alterando os outros factores de produção) vemos que a produção diminui.

Esta constatação permite-nos enunciar a **lei dos rendimentos decrescentes**.

A leis dos rendimentos decrescentes estabelece que, se adicionarmos unidades sucessivas de uma factor variável e um factor fixo, os aumentos da produção a partir de certo ponto são cada vez menos. Tal podemos observar no exemplo que a seguir se expõem.

Suponhamos que certa unidade de produção possui determinada quantidade de capital, por hipótese, 50 hectares de terra (preparada para a produção de um cereal), um tractor e uma ceifeira-debulhadora. Consideremos, ainda, que esse capital se encontra, inicialmente, combinado com uma força de trabalho de 10 trabalhadores, sendo a produção anual de 400 toneladas de cereal por ano.

Aceitemos que o factor trabalho é susceptível de variar sendo o factor capital considerado como uma grandeza fixa. Naturalmente, e mesmo antecipando os valores numéricos que de seguida se apresentam, é imediato dizer que a partir de certa altura mais trabalhadores não significam acréscimo de produção pois, por exemplo, a ceifeira - debulhadora só pode ser utilizada por um trabalhador de cada vez. Mas, vejamos:

Gradualmente, foram-se contratando mais trabalhadores que se combinaram com o capital existente, tendo sido apurados os seguintes resultados:

- a admissão do 11º trabalhador trouxe um aumento de produção de 30 toneladas/ano;*
- a admissão do 12º trabalhador trouxe um aumento de produção de 42 toneladas/ano;*
- a admissão do 13º trabalhador só acarretou um aumento de produção de 36 toneladas/ano;*
- a utilização do 14º trabalhador saldou-se por um acréscimo de 24 toneladas/ano;*
- com a admissão do 15º trabalhador a produção foi de 14 toneladas/ano;*

Este exemplo já nos permite inferir sobre a Lei dos Rendimentos Decrescentes e pode traduzir-se no quadro seguinte:

Capital (sempre fixo)	Trabalhadores	Produção (toneladas)	Produtividade Marginal
50 hectares	10	400	-----
1 tractor	11	430	30
1 ceifeira-debulhadora	12	472	42
	13	508	36
	14	532	24
	15	546	14

Produtividade marginal: é a produtividade resultante da utilização de mais uma unidade de factor produtivo (neste caso, um trabalhador);

Economias de Escala (custos fixos e custos variáveis)

Uma combinação óptima de factores produtivos é indispensável a uma produção racional. A **Lei das Economias de Escala**, para além da questão da combinação óptima dos factores produtivos, leva-nos a considerar a dimensão óptima das unidades produtivas. De facto, contrariamente à situação de que se parte para o estudo da Lei dos Rendimentos Decrescentes – variação de um dos elementos da produção mantendo-se invariável os restantes – coloca-se-nos a hipótese de podermos **fazer variar alguns ou todos os elementos produtivos simultaneamente** e, a partir das alternativas possíveis, encontrar a **dimensão óptima da unidade produtiva**.

Em princípio, a dimensão óptima **será aquela em que se atinjam os menores custos por cada unidade de produto produzida**, com evidentes vantagens para a empresa e para a colectividade – menores custos significam melhor produtividade, poupança de recursos, menores preços. Se nos dispusermos a aumentar as proporções dos factores produtivos utilizados, trabalho, matérias-primas, equipamentos, etc., obteremos, naturalmente, mais produção. A questão que se coloca prende-se com a existência, ou não, de proporcionalidade entre o acréscimo de gastos e o acréscimo da produção, isto é, se duplicarmos os factores de produção utilizados obteremos o dobro da produção – mantendo-se constante o custo unitário? Ou estaremos perante uma situação diversa, nomeadamente a de diminuírem os custos médios unitários por força dos ganhos/poupanças que resultam de uma maior dimensão da produção – as chamadas **economias de escala**?

A compreensão desta questão exige que percebamos a forma como varia o custo de produção, total e por unidade, ao longo do processo produtivo, bem como dos respectivos componentes.

De forma simplificada pode dizer-se que o **custo de produção comporta** dois elementos distintos, dois tipos de custos: **os custos fixos e os custos variáveis**.

Os custos fixos (Cf) representam despesas que uma unidade de produção tem de realizar, independentemente das quantidades produzidas, dentro da dimensão para que a empresa foi projectada.

Os custos variáveis são os que variam consoante as quantidades produzidas. Por exemplo, o custo das matérias-primas, das matérias-subsidiárias e de quaisquer outros factores envolvidos no processo produtivo, mas que dependam da quantidade produzida.

O **custo médio** corresponde ao custo total por cada unidade produzida e o custo marginal é definido como sendo o acréscimo do custo que se verifica na produção de mais uma unidade de produto. O **custo total** é igual à soma de todas as despesas efectuadas pela empresa para realizar a sua produção.

$$\text{Custos Totais} = \text{Custos Fixos} + \text{Custos Variáveis}$$

$$\text{Custo médio total} = \frac{\text{Custo total}}{\text{Quantidade produzida}}$$

Portanto, quanto às economias de escala, podemos dizer que a dimensão de uma empresa está relacionada com a sua capacidade produtiva. Quando aumenta a dimensão de uma empresa, aumenta a sua capacidade produtiva, pois serão utilizadas maiores quantidades dos factores trabalho e capital. Deste modo, se utilizarmos duas vezes mais quer o factor trabalho, quer o factor capital e se a quantidade produzida aumentar mais que duas vezes, então dizemos que estamos perante uma

economia de escala. Nas economias de escala verifica-se a **diminuição do custo de produção unitário**, devido a um **aumento da dimensão da empresa**. De uma maneira geral, verificamos que nas empresas de pequena dimensão se registam custos unitários elevados. Este facto é normalmente atribuído à exiguidade dos capitais existentes, às dificuldades de acesso ao crédito e à dificuldade da utilização de novas tecnologias, entre outros factores. Mas, se estivermos perante uma empresa de grande dimensão, então verificamos que os custos médios diminuem devido a uma melhor organização do trabalho e da direcção, uma melhor especialização e acesso a equipamentos tecnologicamente mais avançados, maior facilidade de acesso ao financiamento e economias no que se refere à comercialização dos produtos. No entanto, se continuarmos a aumentar a dimensão da empresa, até atingirmos uma empresa de muito grande dimensão, verificamos que os seus custos médios são elevados devido a diversos motivos⁷ (nomeadamente a dificuldade de gerir os recursos da empresa, a dificuldade de escoamento das produções ou o aumento do desperdício de recursos), gerando assim das economias de escala, que mais não são que o facto de as empresas continuarem a expandir-se depois de atingirem a produção óptima.

⁷ Quando a quantidade produzida é reduzida, o aumento na produção proporcionada a redução do custo médio, porque o custo fixo é repartido por mais unidades, sobrecarregando menos a produção de cada uma; a partir de determinada quantidade o aumento na produção provoca o agravamento do custo médio devido à saturação (a empresa tem uma capacidade máxima de produção); o número óptimo de unidade a produzir corresponde ao ponto de inversão no comportamento do custo médio total.